

# ANGLO-SAXONICA

REVISTA DO CENTRO DE ESTUDOS ANGLÍSTICOS  
DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

Série II - n.º 27 - 2009

À memória de Paulo Eduardo Carvalho

(7de Julho de 1964 – 20 de Maio de 2010)



Edições Colibri



University of Lisbon Centre for English Studies  
Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa



# ANGLO-SAXONICA

REVISTA DO CENTRO DE ESTUDOS ANGLÍSTICOS  
DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

Série II número 27 2009



Edições Colibri



University of Lisbon Centre for English Studies  
Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa

# ANGLO-SAXONICA 27

2009

## COMISSÃO CONSULTIVA

Santiago Corugedo (Universidade de Oviedo)	Bernard McGuirk (Universidade de Nottingham)
Manuel Gomes da Torre (Universidade do Porto)	David Worrall (Universidade de Nottingham/Trent)
George Monteiro (Universidade de Brown)	Susana Onega (Universidade de Zaragoza)

## DIRECÇÃO

João Almeida Flor  
Maria Helena Paiva Correia

## COORDENAÇÃO

Isabel Fernandes  
Maria Teresa Malafaia

## REVISÃO DE TEXTO

Ana Raquel Lourenço Fernandes  
Duarte Patarra

## DESIGN, PAGINAÇÃO E ARTE FINAL

Inês Mateus ✉ inesmateus@oniduo.pt

## EDIÇÃO

Centro de Estudos Anglísticos  
da Universidade de Lisboa  
e  
Edições Colibri

## IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Colibri - Artes Gráficas, Lda.

**TIRAGEM** 500 exemplares

**ISSN** 0873-0628

**DEPÓSITO LEGAL** 86 102/95

PUBLICAÇÃO APOIADA PELA

**FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA**

Da vida das mulheres infames.  
A história segundo Emma  
Donoghue

*Adriana Bebiano*

Grupo de Estudos Anglo-Americanos e Estudos Feministas  
Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra



## Da vida das mulheres infames. A história segundo Emma Donoghue

Desde a década de 1970 que os Estudos Feministas têm vindo crescentemente a denunciar o silenciamento das mulheres no arquivo ocidental<sup>1</sup>. Da consciência deste silenciamento, decorre a necessidade de dar visibilidade às mulheres, num processo que implica, num primeiro momento, uma releitura do passado e, num segundo momento, uma reescrita da história e do cânone literário que procure colmatar, na medida do possível, as lacunas detectadas.

De um ponto de vista feminista, a revisão do passado é um acto absolutamente necessário, como defende Adrienne Rich: “Re-vision – the act of looking back, of seeing with fresh eyes, of entering an old text from a new critical direction – is for women more than a chapter in cultural history: it is an act of survival” (Rich, 1979: 35).

Trata-se de um acto de sobrevivência na medida em que o passado define, de alguma forma o presente. A politização da memória, ou uma contranarrativa da memória, alternativa à memória hegemónica (patriarcal),<sup>2</sup> tem consequências no presente e no futuro das mulheres na

---

<sup>1</sup> “Arquivo” é aqui usado no sentido Foucaultiano: não apenas um registo passivo de dados sobre o passado, mas um sistema de enunciação activo, que cria simultaneamente vozes e silenciamentos. Veja-se *A Arqueologia do saber, passim*.

<sup>2</sup> A revisão do passado é objecto de discussão e estudo na área dos “estudos da memória” (Memory Studies), que não vou discutir. Veja-se, a propósito, Marianne Hirsh and Valerie Smith, “Feminism and Cultural Memory: an Introduction. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, 28: 1 (Fall 2002), pp 3-12.

medida em que potencialmente cria novos modelos para comportamentos e práticas sociais e culturais.

O primeiro objectivo desta “revisão” é dar às mulheres a voz e a visibilidade que lhes tem sido historicamente negada. Este trabalho tem vindo a ser feito em todas as áreas do saber, mas para efeitos deste ensaio interessa-me particularmente a historiografia e a ficção literária, com particular ênfase no campo dos estudos anglo-americanos.

Para uma reflexão sobre este processo em curso dois conceitos são incontornáveis como ponto de partida: o conceito de “Herstory”, cunhado por Robin Morgan em 1970, e que pode ser usado ainda com proveito para descrever o projecto de uma historiografia feminista, que procura devolver as mulheres à história e a história às mulheres; e o conceito de “Female Line”, (“linhagem feminina”), de Margaret Ward, cujo trabalho procura explicitamente estabelecer uma matrilinearidade alternativa, ou uma contranarrativa da memória, apagada pela narrativa patrilinear hegemónica.

Na historiografia anglo-saxónica, Margaret Ward é um exemplo notável, com o seu projecto de reconstituição de “The Female Line” que inclui revisão historiográfica, narrativas de vida, e ainda um manual que ensina às mulheres comuns – isto é, sem formação na disciplina da história – a escrever uma história da família centrada na linhagem feminina (veja-se Ward, 1991 e 203; e Ward & Ryan, 2004). No entanto, se “Herstory” é um projecto reconhecido principalmente na área da historiografia – em ensaios, mas também em trabalhos biográficos, e ainda em livros de “divulgação histórica” com um impacto ainda por estudar – e na história da literatura, onde o cânone está ser interrogado e reconfigurado, parece-me que pode ser alargado, com proveito, à escrita criativa, nomeadamente à ficção.

De facto, as lacunas no arquivo colocam muitos limites ao trabalho da historiografia feminista: os traços deixados por muitas mulheres de existência histórica real são escassos e não se compadecem com a metodologia da escrita da história, obrigada à verificação documental. Nas últimas décadas, tem vindo a ser feita que tem vindo a ser feita uma reflexão sobre a proximidade entre a história e outros tipos de narrativa, cujo início convencionalmente se situa em *Metahistory* (1973), de Hayden White. Esta investigação problematiza os limites da possibilidade do acesso ao passado



“tal como aconteceu” e aborda a historiografia como sendo (também) uma poética<sup>3</sup>. Mas se a história é uma poética, será sempre uma poética vigiada, uma vez que a proximidade criada pelo uso da narrativa enquanto forma de criação de conhecimento não conduz à equivalência entre história e a ficção na relação que cada uma destas formas narrativas com o referente empírico. Na formulação de Eric Hobsbawm, “if history is an imaginative act, it is one which does not invent but arranges *objects trouvés*” (Hobsbawm, 1997: 272).<sup>4</sup>

Ora, no caso da história das mulheres, os traços deixados são frequentemente escassos. Há, no entanto, casos em que *objects trouvés* que permitem a recriação, pela ficção, da vida dessas mulheres, criando uma narrativa que, não sendo história, não deixa de ser uma “verdade” alternativa. No caso da ficção a autoridade da reconstituição do passado é criada seguindo estratégias diversas, nomeadamente um aparato paratextual legitimador do que se conta, ou a reconstituição detalhada do quotidiano e das práticas sociais e culturais do momento histórico em causa, fundamentada na historiografia atinente. Acresce que a inclusão de detalhes aparentemente insignificantes – um sino de uma igreja que toca em “The Necessity of Burning”, uma taça de cerejas em “Figures of Speech”, contos que adiante analisarei – criam aquilo que Barthes chama “efeito do real” (Barthes, 1968) – isto é, produzem um efeito de autenticação do que (inventando) se conta. Se a história assim contada não é a “verdadeira”, no sentido de ser “tal como aconteceu”, é a verdade possível: podia ter acontecido assim.

Na proliferação de romances contemporâneos sobre figuras femininas do passado podemos encontrar exemplos da devolução às mulheres da voz e da capacidade de acção. Relembrando Rich, “Looking back with fresh eyes”, a ficção histórica que pode ser classificada de “feminista” – e que é pujante nas culturas anglófonas – tem vindo a proceder a uma releitura e reescrita da história através da (re)invenção da vida das suas protagonistas. Esta reescrita conduz a uma resignificação do significado de “feminino” –

---

<sup>3</sup> Para uma discussão deste assunto, veja-se Bebiano 2000 e White 1973.

<sup>4</sup> Em francês na versão original inglesa.

não já equivalente com conceitos como abnegação, silêncio ou sacrifício – e, simultaneamente, dos próprios eventos históricos referidos, questionando e criando alternativas às narrativas hegemónicas.

O trabalho de Emma Donoghue é disto exemplo. Dramaturga, ensaísta e romancista irlandesa, é na área da ficção que tem ganho maior reconhecimento internacional, tendo vários dos seus livros recebido ou entrado na lista de finalistas de prémios importantes a sua escrita é polivalente e abrange vários subgéneros. A reescrita feminista da tradição literária Ocidental começa, em Donoghue, com *Kissing the Witch* (1997), uma reescrita de contos de fadas tradicionais, subgénero já consagrado no contexto das reescritas feministas.

Donoghue iniciou-se na reescrita da vida de personagens com existência histórica real com *The woman who gave birth to rabbits* (2002). Para além de obras de outras categorias, a sua ficção histórica inclui *Life Mask* (2004), *Slammerkin* (de 2000) e *The Sealed Letter* (2008). O processo criativo de que está na génese destes romances – e que é semelhante a autoras de ficção histórica contemporânea – constitui-se no que Donoghue define como o uso de “memory and invention together, like two hands engaged in the same muddy work of digging up the past.” (Donoghue, 2000: foreword). Trata-se da reinvenção, sustentada em investigação histórica, de vidas que se encontram documentadas apenas em “a scrap of history”.

Este processo está claramente exemplificado em *Slammerkin*: de Mary Saunders, a protagonista, conhecemos a existência apenas porque há registo da sua condenação à morte pelo assassinio da patroa em Monmouth, País de Gales, em 1763. A partir deste fragmento da história Donoghue constrói dezasseis anos de uma vida paradigmática das vidas de cuja existência apenas conhecemos – na famosa formulação de Foucault – o “encontro com o poder”.

Foi justamente a Foucault que fui buscar o meu título, mais exactamente ao ensaio “A vida dos homens infames”, ensaio esse que descreve o projecto de recolha de retratos de personagens “obscuras”:

que não tenham sido dotadas de nenhuma das grandezas como tal estabelecidas e reconhecidas – as do nascimento, da fortuna, da santidade, do heroísmo ou do génio; que pertençassem àqueles milhões de existências que estão destinadas a

não deixar rasto; que nas suas infelicidades, nas suas paixões, naqueles amores e naqueles ódios, houvesse algo de cinzento e de ordinário aos olhos daquilo que habitualmente temos por digno de ser relatado; e, contudo, tenham sido atravessados por um certo ardor, que tenham sido animados por uma violência, uma energia, um excesso na malvadez, na vilania, na baixeza, na obstinação ou no infortúnio (...) uma espécie de medonha e lamentável grandeza (...) Aquilo que as arranca à noite em que elas poderiam, e talvez devessem sempre, ter ficado, é o encontro com o poder (Foucault, 1992: 96-97).

Este projecto de Foucault – que só fala de homens, naturalmente – encontramos concretizado em muitas das histórias de Emma Donoghue, seja em romances de maior fôlego seja em contos, que, a partir de fragmentos da história, arrancam à noite as vidas de mulheres infames: nem santas, nem génios, nem notáveis por nascimento fortuna ou feitos. Notáveis apenas por um acto de transgressão.

*The woman who gave birth to rabbits* é uma série de 17 contos, publicados em revistas várias entre 1993 e 2001 e reunidos em livro em 2002. São todas histórias baseadas em caos verídicos, fragmentos mais ou menos longos da história que a autora foi encontrando ao longo de dez anos. As heroínas, de perfil muito diverso, são justamente caracterizadas por uma diferença ou acto de transgressão – desde participar numa queima de livros à indulgência num afecto ilegítimo, seja um amor lésbico seja um adultério. Há apenas duas histórias de vítimas: “Cured”, que narra um caso de excisão do clítoris, de uma paciente identificada como P.F., em 1861, e que é baseado em relatos médicos de um hospital Londrino, e “A Short Story”, a história de Caroline Cramachi, uma criança anã exibida como freak na primeira metade do século XIX. Se estas duas mulheres são vítimas cuja única “transgressão” foi o terem sido (por acaso ou sorte) diferentes da “norma”, todos os outros contos rejeitam a figuração da mulher enquanto vítima: em todos há capacidade de acção e escolha pela transgressão da norma social e dos limites impostos às mulheres e ao “feminino”.

Mary Toft (1703-63), por exemplo, a mulher do conto que dá o título a *The woman who gave birth to rabbits*, é uma vigarista que durante algum tempo enganou a nata da sociedade londrina, com a sua história fraudulenta de andar parir coelhos. Elspeth Buchan (1738-91), do conto

“Revelations”, é uma profeta fundadora de um culto milenarista que deixa os seus seguidores, incluindo crianças, adoecer e morrer de fome enquanto ela própria secretamente se empanturra. Na galeria de heroínas de Donoghue cabem cortesãs, vigaristas e assassinas – não apenas as heroínas clássicas, ou as eticamente exemplares segundo os novos paradigmas de consciência feminista.

O acto de transgressão que caracteriza as mulheres infames pode tomar diversas formas. Cabe aqui uma reflexão sobre o que caracteriza uma “heroína”, ou melhor, que tipo de heroína nos será útil, no sentido de poder servir como modelo emancipatório para as mulheres do nosso momento histórico. Cada uma de nós, de acordo com as suas circunstâncias e escolhas, terá sua linhagem própria de mulheres rebeldes. Se o herói clássico é caracterizado por se situar entre o humano e o divino, por ter capacidade para realizar feitos “acima do humano”, não tenderemos nós, por imitação do modelo, a construir uma galeria de heroínas distinguidas por grandes feitos, moralmente sancionados, se não pela moralidade normativa de um passado que nos foi adverso, por uma nossa contemporânea, politicamente correcta e igualmente normativa? Assim, procuramos as guerrilheiras, sufragistas, resistentes anti-franquistas em Espanha ou militantes antifascistas em Portugal, cientistas, escritoras e artistas em todo o lado.

Quero dizer: a celebração dos feitos extraordinários e do sacrifício pessoal ao serviço de causas nobres é fulcral na reescrita da história de e para as mulheres. No entanto, existe o perigo da construção de uma hagiografia que exclui da linhagem feminina uma componente importante – o crime, por exemplo, e o lado negro do ser em qualquer caso – que nos permita pensar o feminino como o plenamente humano, em toda a sua complexidade. Queremos nós excluir Lady Macbeth da nossa linhagem? Sustento que Grace Marks, de Margaret Atwood (*Alias Grace*, 1997), Eliza Lynch, de Anne Enright (*The Pleasure of Eliza Lynch*, 2002), ou Mary Saunders de Donoghue (*Slammerkin*, 2000), personagens que na figuração do feminino incluem tudo o que é humano, são parte da nossa linhagem.

Este argumento pode ser qualificado de perigoso; é, com certeza, ambivalente, na medida em que pode ser lido como contribuindo (ainda) para a demonização do feminino. Cortesãs ou prostitutas, por exemplo, podem ser recusadas como heroínas, justamente porque se encaixavam na

dicotomia mulher–anjo *versus* puta, dicotomia essa dominante nas representações do patriarcado. Concretizando: fazer de uma prostituta heroína – como Donoghue faz com Mary Saunders em *Slammerkin* – pode ser trespido como forma de cumplicidade com essas representações dicotômicas misóginas.

E seria, ou poderia ser, fosse a personagem construída de forma estereotipada. No entanto, na obra de Donoghue as figuras de mulheres infames adquirem um potencial subversivo: já não são estereótipos, mas figuras complexas. A dramatização assumida de um lado eticamente questionável – e mesmo imoral, em alguns contextos – destas personagens contribui para pensar as mulheres no contexto do plenamente humano, pelo que me parecem figuras potencialmente emancipatórias.

De entre os contos do livro em apreço, escolho para uma análise mais circunstanciada “The Necessity of Burning” (pp. 184-199) e “Figures of Speech” (pp.125-131), porque ambos partem do que é, literalmente, “a scrap of history”, para reescrever, pela imaginação, não apenas a vida das mulheres suas protagonistas, mas o próprio significado de dois eventos que ficaram na história, a saber: a Revolta Camponesa de 1381, na Inglaterra, e o episódio conhecido como “The Flight of The Earls”, na Irlanda de 1607.

O paratexto de “The Necessity of Burning” diz-nos que quando, a 15 de Junho de 1381, no contexto da Revolta Camponesa, os livros foram queimados na Praça do Mercado de Cambridge, “an old woman called Margery Starre is said to have scattered the ashes and shouted ‘away with the learning of the clerks, away with it’.” (Donoghue, 2001: 199). Apesar desta Revolta – que é, na verdade, uma série delas – estar historicamente muito bem documentada, nada mais se sabe dessa mulher: não consta da lista das prisões ou das execuções que se seguiram à repressão da Revolta. É pois, literalmente, a partir de um “farrapo de história”, que Donoghue inventa a heroína, sustentando-se, como é habitual em narrativas deste género, em documentação e estudos especializados sobre os eventos e as condições sociais e económicas do tempo.

O dia é reconstruído ao longo de dezasseis páginas a partir da consciência de Margery, uma viúva sem filhos, antiga serva da gleba que conseguira comprar a liberdade e estabelecer-se como taberneira ao ficar viúva. Fechada em casa, com as portadas fechadas e as portas trancadas,

tem esperança que a confusão que reina nas ruas passe sem a tocar. Está resignada com a sua vida, que nos vai sendo contada em analepses entrecidadas com casos de vidas de outras mulheres. A revolta que grassa lá fora é, segundo ela, obra de arruaceiros, chefiados pelo seu vizinho Philbert Carrier, o único homem nomeado no conto. Habituada a uma vida de submissão, imagina-se “better of keeping to herself and brewing her ale” (p.187).

Partindo de uma caracterização estereotipada de “feminino” e de “masculino” – homens activos e destemidos, mulheres submissas e cautelosas – o conto vai mostrar o processo de consciencialização da opressão que conduzirá Margery ao acto transgressor pelo qual se constitui como agente da história. A traço grosso, as razões históricas que conduziram à Revolta Camponesa de 1381 terão sido o estado de miséria e a (literal) servidão em que viviam os camponeses, tendo sido despoletada pela criação de novos impostos. Ora, as razões pelas quais Margery se irá juntar à rebelião são pessoais; e se não desmentem a versão global da história, vão introduzir nuances e as particularidades da opressão das mulheres dentro da classe.

No rosário de injustiças que vai desfiando sobressai a memória de ter sido impedida de enterrar o filho bebé em solo sagrado, porque o padre da terra – que não chegara a tempo de baptizar a criança, por estar bêbado e na cama com uma mulher – declarara inválido o baptismo efectuado *in extremis* pela própria mãe. Aos seus ressentimentos pessoais acrescenta os de outras mulheres, como a de uma outra taberneira de Cambridge que fora submetida à tortura por ter vendido cerveja adulterada aos estudantes da universidade. Sendo o conflito político que serve de motor à acção o que opõe a cidade à universidade – o clássico *town versus gown* – muito mais do que a classe, a comunidade que emerge do conto é uma comunidade de mulheres: são elas que têm por inimigo padres e homens do saber, “men of the cloth, men of the book”:

What do they do all they, these scholars and their masters who lord it over those who feed and clothe them? What’s their honest work, their valuable trade? Books, that’s all! (...) What good ever came out of a book, she wonders sometimes? She doesn’t need to read them to know what’s in them; she’s heard enough. Tales of lickerous widows who force men to lie with them; tales of clever young men who trick girls into lying with

them; whole books full of wicked wives (...) No wonder, Margery reckons, seeing it's men who write the books. (pp.186-187)

É porque os livros são escritos por homens e contam mentiras sobre as mulheres que a sua queima é uma celebração. Num crescendo de excitação e festa, Margery acaba por juntar-se aos que atiram livros à fogueira: “The flames lick lovingly. (...) She scatters the ash into the air like rice at a wedding, like blossom at the end of Spring.” (p.198). O fogo é purificador e as cinzas são regeneradoras: como o arroz nos casamentos, propiciam um outro tipo de fertilidade ou recomeço.

A queima de livros é um acto bárbaro de grande peso simbólico; no entanto, aqui é celebrado e justificado. A Revolta de 1381 é resignificada, de um ponto de vista feminino, como uma revolta contra um saber equivalente a poder que exclui e oprime as mulheres. O conto termina num momento de metaficção: “The churchmen will tremble when they hear of Margery Starre – read of her, even, maybe. (...) they'll pause to think of how fast paper burns.” (pp.198-199). Os homens do livro hão-de ouvir falar de Margery Starre porque Donoghue disso se encarrega.

Em “Figures of Speech”, encontramos uma reescrita de um episódio importante na narrativa nacionalista irlandesa, “the Flight of the Earls”. Em 1607, no seguimento da derrota de mais uma rebelião contra a Coroa Inglesa, um grupo de nobres herdeiros da Irlanda gaélica – o mais célebre dos quais é Red Hugh, ou “The O’Neill” –, fugiu para o continente europeu, onde permaneceu no exílio. Não sendo uma vitória mas uma derrota, trata-se, no entanto, de um episódio que se presta a ser configurado como feito romântico em narrativas nacionalistas, particularmente numa história como a irlandesa (gaélica), maioritariamente narrada como sendo constituída por oito séculos de derrotas são celebradas como actos de resistência. A importância simbólica deste acontecimento para a Irlanda ainda hoje pode ser comprovada pela série de eventos comemorativos que tiveram lugar em 2007, por ocasião do seu 4º centenário.<sup>5</sup> No conto de Donoghue

---

<sup>5</sup> A título de curiosidade: eu própria participei no que teve lugar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, a 30 de Novembro de 2007: “Evasion, Dispossession: Transit and Trauma in the Irish Imagination / A Seminar to commemorate the Flight of the Earls (1607)”

encontramos a versão deste evento na voz de Mary Stuart O’Donnell, sobrinha de Hugh O’Neill.

De acordo com a nota de autora, sobre a Mary O’Donnell histórica há apenas uma entrada biográfica no *Dictionary of National Biography* e um romance espanhol de 1627, que ficcionaliza a sua vida de aventuras de forma desmedida. O conto tem por missão – na voz da protagonista – repor a verdade, que teria sido falseada tanto no romance espanhol como nas narrativas nacionalistas irlandesas. O paradoxo de uma ficção que se diz ficção mas que se autolegitima com a função de repor a verdade é encontrado frequentemente na ficção histórica, constituindo, para além da óbvia estratégia de autenticação e criação de credibilidade, um momento de metaficção e reflexão sobre a complexidade das relações entre “história”, “ficção” e “verdade”.

As narrativas nacionalistas tendem a conter e ocultar as narrativas dos grupos subalternos no corpo da nação – que é representada como homogénea –, e esse parece ser o caso da Irlanda. Se autores como David Lloyd defendem o nacionalismo como uma força libertadora para todos (veja-se Lloyd, 1993), outros, como Margaret Ward ou Colin Graham, denunciam o silenciamento de problemas de classe, sexo e de outros grupos subalternos na narrativa hegemónica da nação (veja-se Graham, 2001 e 2003; Ryan & Ward, 2004).

Em *Soldiers, New Women and Wicked Hags. Irish Women and Nationalis* (2004), Louise Ryan e Margaret Ward seguem o argumento que as narrativas nacionalistas irlandesas silenciaram a participação das mulheres nessas lutas, reunindo uma série de estudos de caso – que vão desde a rebelião de 1641 até as lutas republicanas na Irlanda do Norte das últimas décadas do século XX – que demonstram, de forma bastante convincente, a contribuição de várias figuras femininas, devolvendo assim à história estas mulheres.

O que a historiografia e os estudos culturais feministas fazem nesse livro é também feito por Emma Donoghue pela ficção. Em *Figures of Speech*, pela voz de Mary O’Donnell os heróis das narrativas nacionalistas – o pai e o marido, o visconde de Tyrconnell – não são heróis, mas cobardes, bêbados e frequentadores de bordéis. A fuga dos ditos heróis é resignificada como um acto de cobardia, uma vez que abandonaram mulheres e filhos.



As memórias invocadas dizem de um pai e de um tio cobardes, e de actos de valentia por parte de Mary. Por ser filha e sobrinha de traidores, Mary fora prisioneira da coroa em Londres, tendo escapado acompanhada de Bell, ambas disfarçadas de homem. Esta valentia, supostamente própria de macho em corpo feminino, é já convencional numa “história como aventura”, subgénero tradicionalmente sobre e para “rapazes”, que prolifera agora com figuras femininas.<sup>6</sup> Um outro traço aproxima a personagem de Mary dos heróis masculinos: ela foge do cativo não por medo mas porque quer regressar à Irlanda, incluindo-se assim no romance da nação que se quer também sua. Isto é, a narrativa patrilinear da nação é “corrigida, e substituída por uma narrativa matrilinear. Trata-se de apenas de o início de um projecto: Bell, a criada, incita Mary a escrever a sua própria história, de forma a corrigir os erros do registo histórico:

‘You should write your family’s history, if you don’t write your own. That would make a stirring tale.’ Bell’s voice is only faintly mocking. ‘Who has not hear of the O’Donnell and the O’Neill, the glorious Flight of the Earls?’  
‘Ha! When I was a child, no one ever told me that was just a figure of speech (pp. 126-127).

O projecto da reescrita da história da nação é partilhado pelas duas mulheres. De facto, a relação mais importante de Mary não é com o marido – ausente, a tratar dos seus prazeres – com Bell. Estabelece-se entre as duas mulheres uma forte cumplicidade, tanto no presente como nas aventuras passadas relatadas,<sup>7</sup> uma cumplicidade que ultrapassa as barreiras de classe social. De resto, o conto expõe como ilusória a suposta situação de privilégio de Mary, uma vez que a gravidez a coloca ao nível de todas as outras mulheres, como recorda Bell: “Aren’t the Irish famous breeders?”

---

<sup>6</sup> Vejam-se as narrativas sobre mulheres piratas. No caso da Irlanda, por exemplo, *Granuaile Ireland’s Pirate Queen, Grace O’Malley c.1530 – 1603* (2006), de Anne Chamber, ou *Grania: She-King of the Irish Seas* (1986), de Morgan Llywelyn.

<sup>7</sup> Este é um traço comum nas histórias de Donoghue, desde as de cariz histórico às do maravilhoso, onde a mulher mais velha – as figuras de “witches”, “hags” e “crones” dos contos tradicionais – é uma figura protectora e por vezes amante da mulher jovem.

We're known for it as rabbits! You'll live to drop a dozen children or more.”(p. 126) O corpo, a condição de parideira – e o medo pela possibilidade da morte no parto – surge aqui como o factor comum que permite pensar uma condição comum – a categoria “mulher”, como a condessa reconhece perante as dores do parto e o medo da morte: “I thought I was above the lot of womanhood. (...) I, a hero's daughter, am going to die like a any ordinary woman, in a bed of sweat and blood and shit.” (pp.129-130).

Seguindo a convenção, que não é exclusiva da cultura irlandesa, encontramos o culto da mãe como símbolo poderoso da nação. Trata-se de uma idealização que corresponde a uma subalternização e uma regulação das mulheres na realidade política e social, e à censura e ocultação de qualquer gesto que não se encaixe nos papéis que constroem a ideia de “feminino”. Por isto é relevante a forma como, neste conto, são representadas a gravidez e a maternidade: A gravidez de Mary é figurada como grotesca – no corpo disforme, no suor e no inchaço, nas garras da criatura que vai nascer. Diz Mary a certa altura: “this creature has claws” (p.129). Donoghue substitui a Mãe simbólica por uma mãe empírica, disforme, encharcada em suor e apavorada pela possibilidade – muito real à época – da morte no parto. Que se revolta contra o papel que a história lhe atribuiu e denuncia a narrativa hegemónica da história como “a figure of speech”, a necessitar correcção, uma outra versão, mais verdadeira.

Estamos de novo perante o paradoxo da ficção que vem repor a verdade. Tanto em “The Necessity of Burning” como em “Figures of Speech” se diz que os livros – escritos por homens – mentem, e que é preciso escrever tudo de novo. Se a historiografia feminista, com a metodologia adequada à disciplina, tem um papel fundamental na devolução das mulheres à história e da história às mulheres, apenas a ficção pode penetrar e arrancar à noite muitas delas. A ficção tem também, portanto, um papel importante na escrita de Herstory.

## Referências bibliográficas

- Atwood, Margaret. 1997. *Alias Grace*. London: Virago Press.
- Barthes, Roland. 1968. "L'Effet de Réel". *Communication*. 11, 82-89.
- Bebiano, Rui. 2000 "A história como poética". *Revista de História das Ideias*, (20), pp. 59-86.
- Donoghue, Emma. 2002. *The Woman Who Gave Birth to Rabbits*. London: Virago Press.
- Donoghue, Emma. 2000. *Slammerkin*. London: Virago Press.
- Enright, Anne. 2002. *The Pleasure of Eliza Lynch*. London: Jonathan Cape.
- Foucault, Michel. 2005. *A Arqueologia do Saber*. Introdução: Fernando Cascais. Tradução: Miguel Serras Pereira. Coimbra: Almedina. [ed. orig. francesa: 1969].
- Foucault, Michel. 1992. "A vida dos homens infames". O que é um autor? Prefácio de José Braga de Miranda e António Fernando Cascais. Trad: António Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. Lisboa: Veja, pp 89-128. [ed.orig: *Les Cahiers du Chemin*, nº 29, 15 janvier 1977, pp. 12-29]
- Graham, Colin. 2003. "Subalternity and Gender: Problems of Postcolonial Irishness". *Theorizing Ireland*. Claire Connolly (ed.). London: Palgrave/Macmillan.
- Graham, Colin. 2001. *Deconstructing Ireland. Identity, Theory, Culture*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Hirsh, Marianne and Valerie Smith. 2002. "Feminism and Cultural Memory: an Introduction". *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, 28: 1 (Fall 2002), pp 3-12.
- Hobsbawm, Eric. 1997. *On History*. New York: New Press.
- Lloyd, David. 1993 *Anomolous States: Irish Writing and the Post-Colonial Movement*. Durham: Duke University Press.
- Rich, Adrienne. 1979. "When We Dead Awaken: Writing as Re-vision". *On Lies, Secrets, and Silence: Selected Prose, 1966-1978*. New York: Norton, pp. 33-49
- Ward, and Ryan, Louise (eds.). 2004. *Irish Women and Nationalism. Soldiers, New Women and Wicked Hags*. Dublin: Irish Academic Press.
- Ward, Margaret. 2003. *The Female Line. Researching your Female Ancestors*. Newbury: Countryside Books.

Ward, Margaret. 1991. *The Missing Sex: Putting Women into Irish History*.  
Dublin: Attic Press.

White, Hayden. 1973. *Metahistory: The Historical Imagination in Nineteen  
Century Europe*. Baltimore, MD: The John Hopkins University Press